VILHENA, Maria Ângela. **Salvação solidária: o culto às almas à luz da teologia das religiões.** São Paulo: Paulinas, 2012. 173 p.

Roberlei Panasiewicz*

O tema da salvação acompanha, constantemente, a reflexão teológica e a religiosidade popular. Enquanto a primeira busca analisar de forma crítica as narrativas sagradas, a tradição e a produção dos teólogos ante os desafios de cada momento histórico, a segunda é profundamente seletiva e dinâmica, não baseando em cânones rígidos, mas tendo liberdade e criatividade como protagonista de respostas às buscas espirituais. Maria Ângela Vilhena, é doutora em Ciências da Religião, com vários livros publicados e esse é resultado de sua pesquisa como livre-docente pela PUC-SP. Tem por objetivos apresentar a pesquisa realizada na Capela Nossa Senhora dos Aflitos e na Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados, ambas em São Paulo, com os *devotos das almas* e analisar essa devoção em diálogo com as teologias do pluralismo religioso. Divide sua reflexão em duas partes. A primeira, *Notícias a partir do que se viu*, apresenta a pesquisa de campo dividindo-a em cinco capítulos. A segunda, *Consulta às entranhas: sede de amor*, propõe pautas para uma teologia das religiões populares brasileiras em dois capítulos.

Resenha recebida em 19 de março de 2013 e aprovada em 26 de março de 2013.

* Doutor em Ciência da Religião (UFJF). Professor da PUC Minas, Departamento de Ciências da Religião. País de origem: Brasil. E-mail: roberlei@pucminas.br.

Inicia a primeira parte propondo uma introdução geral ao tema da morte, intitulada *A morte: evento total*. Para ela, a morte é um evento totalizador, pois incide em todas as dimensões da vida humana. Os mesmos fatores que normatizam a vida também estão presentes na morte. Enquanto acontecimento social pode aglutinar e fortalecer ou dissolver e enfraquecer vínculos ou funções. Apresentam-se as questões da irreversibilidade e do *nunca mais*. Mesmo com toda a ciência e hermenêutica, a morte não será esvaziada de seu mistério, pois, toca, de maneira especial, o imaginário humano.

No segundo capítulo, *O culto às almas em lugares marcados pela morte violenta*, contextualiza os ambientes da pesquisa: a capela Nossa Senhora dos Aflitos e a Igreja Santa Cruz das Almas dos Enforcados, retomando o século XVIII. Seus nomes guardam a memória da história dessa região da cidade de São Paulo. Lembra que levantar cruzes para sinalizar mortes trágicas ou locais de inumação é ritual captador de orações de sufrágio pelas almas e proteção para os vivos dadas possíveis atuações nefastas dos mortos. As velas têm por finalidade iluminar suas consciências e seus caminhos em outros planos da existência. Os cruzeiros provocam medo e fascinam por seu mistério. A construção de igrejas em certos ambientes possibilita a organização do universo simbólico, evidencia a passagem do ambiente religioso leigo para o ambiente religioso institucionalizado, articula-se devoção popular e instituição. No culto às almas, há presença de fios capazes de cerzir tecidos sociais e religiosos esgarçados, criando nova e diversificada padronagens.

Velários: espaços e rituais é o terceiro capítulo e a autora demonstra que o culto às almas revela-se como espaço de liberdade individual e coletiva que permite vivenciar, em articulação e dinamismo, adesões calcadas em experiências pessoais que selecionam, re-significam e atualizam crenças e conteúdos provenientes de várias tradições. Como o plano espiritual é cercado de mistério, os devotos julgam que cada autoridade religiosa sabe algo. Outros percebem os velários com muita mistura religiosa. Os velários, portanto, se constituem como espaços ambivalentes, situados na intersecção entre o institucional e o popular laico. São áreas ambíguas

na medida em que há almas desencaminhadas e aflitas e lugar de graça pela iluminação dada pelas velas. O sagrado pode espargir o bem e o mal, o puro e o impuro. Faz referência a “desatenção civil”, de Giddens, ao descrever a ausência de olhares e conversas indicando falta de controles mútuos e direito à diferença. Os devotos não negam que buscam ser recompensados por seus atos de caridade concretizados nas orações e acender velas.

O capítulo quarto apresenta *Quem são as pessoas devotas*. O espaço religioso é sabidamente católico. Entretanto, a pesquisa mostrou que os devotos, pessoas que se dirigem aos velários a fim de praticarem seus rituais, a princípio se identificam como católicos e, depois, sem religião definida, demarcando trânsito entre catolicismo, candomblé, umbanda e espiritismo. A igreja é espaço privado católico, porém a rua é pública e apropriada por sacerdotes e sacerdotisas de outras religiões. Esses recebem os fiéis para o culto, afirmando o hibridismo religioso urbano.

Por fim, *Em que creem as pessoas devotas*, conclui a primeira parte dizendo que no imaginário comum, há presença de dois mundos: um somente com seres espirituais e outro composto de matéria e espírito, circundados por seres espirituais. A diversidade e a hierarquia do mundo material tem continuidade no mundo espiritual. Há três estágios: luz, sombras e trevas. A ascensão depende de favores prestados e recebidos e a autopromoção não é verificada no mundo dos espíritos. Deus tem presença, mas longínqua. Entretanto, em última instância, tudo depende dele e de sua vontade. Para alguns, Deus castiga e abençoa e, para outros, Deus não castiga, só existe relação de causa e efeito. Buscar a iluminação, o bem-estar e a paz são responsabilidades das almas e dos devotos. A comunicação com os mortos se dá por pensamento, por palavras, gestos ou por bilhetes deixados nos velários. A identidade pessoal é preservada, assim como vínculos sociais e familiares. Entretanto, há diferenças na concepção dessa sociedade metafísica imortal e na circularidade entre vivos e mortos para os adeptos das religiões presentes. Verificou-se coincidência consensual entre matéria, forma, destinação e

significado: a luz da vela de fato ilumina vivos e mortos, faz a intermediação entre os mundos, penetra-os, contagia, transforma.

A segunda parte, *Consulta às entranhas: sede do amor*, inicia propondo uma reflexão sobre *O sofrimento: raízes e significações* buscando analisar porque os devotos recorrem à intercessão das almas. Ao adentrar a essa polifonia simbólica a autora compreende que o sofrimento é a grande causa. É preciso erradicar as formas de violência-mal presentes no mundo e seus efeitos nefastos. Por isso purificar e iluminar esses lugares e transformá-los em zonas de sentido, conduzindo os espíritos vagantes em direção a Deus e dar novas possibilidades aos vivos que estão em aflição. Apresenta críticas a sobrenaturalização da violência e do mal, pois cega as verdadeiras causas do sofrimento humano ao ocultar as estruturas sociais, políticas e econômicas injustas. Mostra que o providencialismo desumaniza ao transformar o ser humano em “marionete nas mãos de Deus”. Recorre à reflexão de vários teólogos da atualidade para repensar a oração de intercessão articulando teologia, devoção e instituição religiosa.

O último capítulo da segunda parte, *O mistério salvífico nas religiões*, é dedicado à reflexão sobre o sentido da salvação. Mostra o desafio de pensá-la de forma plural. Destaca a multiplicidade de sentido e resgata, da perspectiva bíblica, a ideia que salvação resulta do agir [amoroso] de Deus que mobiliza o agir humano. Da experiência de Jesus, dá ênfase em sua prática ativa, de consolo e solidariedade, perante aos que estavam em situação de dor e aflição pela falta de trabalho, por não poder defender seus direitos, pela carência de bens materiais, por não seguir prescrições religiosas ou por ter suas famílias destroçadas. Constata-se que a distância espaço-temporal e proximidade situacional não estão em oposição, pois é muito parecido o dizer das entranhas dos sacrificados; há solidariedade com outros sofredores e sabem que sozinhos não dão conta e confiam na compaixão transcendente. A presença regular de fiéis de variadas fés nessas igrejas católicas acena a importância de pensar de maneira nova as teologias do pluralismo religioso buscando meios para a maior realização humana. Permanece o desafio!

Essa temática é profundamente atual, pois toca a sensibilidade de todos os mortais. É refletir sobre o mistério da morte e da salvação a partir da experiência, da oração e do dizer dos devotos das almas. A morte sempre nos faz pensar a vida e as relações que nela temos estabelecido. É pensar sobre o sentido. As religiões e os devotos buscam suas respostas. Cabem as teologias das religiões acompanhar e mediar essa reflexão. A autora propõe boa síntese a partir de sua pesquisa e estudos. Quem se interessa por essa temática tem, nessa obra, bom material para consulta, reflexão e aprofundamento.